

## FIGURAÇÕES DA DEGRADAÇÃO DA DIGNIDADE HUMANA EM E. ZOLA E EM F. KAFKA<sup>1</sup>

### FIGURATIONS OF THE DEGRADATION OF HUMAN DIGNITY IN E. ZOLA AND F. KAFKA

Henriete Karam<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo inscreve-se na esfera dos estudos sobre direito e literatura e propõe-se a abordar a dignidade humana – princípio basilar no Estado Democrático de Direito –, a partir do exame duas obras literárias em que a degradação da dignidade humana é figurativizada através do processo de zoomorfização das personagens: *Germinal*, de E. Zola, e *A metamorfose*, de F. Kafka. Tais obras, embora anteriores aos eventos históricos e às formulações jurídicas do segundo pós-guerra que pautaram a compreensão contemporânea dos direitos fundamentais, oferecem elementos que possibilitam refletir sobre as formas de degradação que, ainda hoje e no contexto brasileiro, ameaçam essa qualidade intrínseca do ser humano.

**Palavras-Chave:** dignidade humana; degradação; direito e literatura; Zola; Kafka.

**Abstract:** This article is part of the studies of Law and Literature and proposes to address human dignity – a basic principle in the Democratic State of Law – by examining two literary works in which the degradation of human dignity is focused, especially when comparing human traits to animal characteristics: *Germinal*, by E. Zola, and *Metamorphosis*, by F. Kafka. These works, although precedent to the historical events and to the juridical formulations of the second post-war that guided the contemporary understanding of the fundamental rights, offer elements that make it possible to reflect on the forms of degradation that still today in the Brazilian context threaten this intrinsic quality of the human being.

**Keywords:** human dignity; degradation; law and literature; Zola; Kafka.

## 1. Introdução

Os estudos sobre direito e literatura vêm se consolidando, no contexto brasileiro, ao longo da última década e sobretudo no circuito acadêmico, seja porque se constata que os textos literários favorecem o aprimoramento da sensibilização, da imaginação e da empatia dos juristas, como propõe Martha Nussbaum (2005; 2015), seja porque se reconhece o papel

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 25 de novembro de 2016 e aprovado em 10 de maio de 2017.

<sup>2</sup> Mestre em Teoria Literária (PUCRS). Doutora em Estudos Literários (UFRGS). Professora Colaboradora do PPG Letras da UFRGS. Membro Fundadora da Rede Brasileira Direito e Literatura (RDL). Docente da disciplina Hermenêutica Jurídica do Mestrado em Direito da Faculdade de Guanambi. Editora-chefe da *Anamorphosis - Revista Internacional de Direito e Literatura*. Psicanalista.

que a atividade hermenêutica adquire na compreensão tanto dos textos literários quanto dos textos jurídicos, como destaca Ronald Dworkin (2001).

Evidentemente, o termo *texto literário* tal como empregado aqui pressupõe qualidade artística, e deve-se ter presente que, do ponto de vista estético, o valor de um texto literário mostra-se indissociável da sua capacidade de atualização. Em outras palavras, o que faz com que uma obra seja considerada um clássico é fato de que ela – independente da época e do contexto em que foi produzida – constitui uma representação da realidade humana e social que transcende qualquer registro espaço-temporal originário.

Em vista disso, foram eleitas as obras *Germinal*, de E. Zola, e *A metamorfose*, de F. Kafka, e pretende-se abordar a vulnerabilidade e a desumanização a partir das esferas que cada um dos textos abarca – a saber, o âmbito coletivo e o individual, respectivamente – e dos tipos de conflito que essas duas narrativas oferecem, enquanto representações literárias do homem e do mundo, o conflito social e o conflito existencial, com o intuito de examinar, mediante o confronto dos diferentes processos de zoomorfização por elas apresentados, as figurações da degradação da dignidade humana.

O romance de E. Zola vem a público em 1885 e reflete as transformações políticas, econômicas e sociais promovidas pela Revolução Industrial, na França do final do séc. XIX. Já a novela de F. Kafka, que é escrita em 1912 e publicada em 1915, pode ser associada à crise da modernidade que se instaurou entre o final da *Belle Époque* e a deflagração da I Guerra Mundial.

Separadas por trinta anos e escritas por autores de nacionalidade, língua e cultura diferentes, é natural que as duas obras apresentem peculiaridades decorrentes tanto dos distintos contextos históricos que marcaram suas produções quanto da originalidade dos estilos dos dois escritores e das estéticas literárias vigentes.

Assim, o *Germinal*<sup>3</sup> se inscreve no naturalismo, sendo a obra pautada pelos ideários do determinismo e do marxismo, aos quais E. Zola é tributário; enquanto *A metamorfose* pode ser inscrita tanto no modernismo quanto no realismo mágico, respeitado seu caráter existencialista e sua vinculação à estética do absurdo.

Entretanto, a leitura das duas obras possibilita constatar a presença de um elemento que é comum e que se mostra essencial em ambos, apesar da singularidade com que é

---

<sup>3</sup> No calendário instituído pela Revolução Francesa para simbolizar o início de uma nova era e que esteve em vigor na França de 1792 a 1805, os nomes atribuídos aos meses do ano remetiam a fenômenos da natureza, e “Germinal” correspondia ao primeiro mês da primavera, por alusão à germinação das sementes.

apresentado em cada um deles: trata-se da zoomorfização<sup>4</sup>, elemento recorrente e através do qual é representada a degradação da dignidade humana.

## 2. O *Germinal*: Vulnerabilidade e Conflito Social

No *Germinal*<sup>5</sup>, tanto nas descrições quanto nas ações narradas e até mesmo na expressão dos pensamentos e nas falas das personagens, são inúmeras as vezes em que se pode observar a recorrência à zoomorfização para figurativizar as condições desumanas em que vivem os mineiros de Voreux e suas famílias.

A própria estrutura arquitetônica da mina figura como um animal – animalidade que se estende e abarca a todos os que nela trabalham, afinal, sendo a obra atrelada ao determinismo, o meio fatalmente influenciará o homem. De tal modo que não é de se estranhar os elementos presentes na primeira descrição de Voreux, em que o discurso do narrador incorpora as percepções do recém-chegado Étienne:

Esta mina, apertada no fundo de um buraco, com suas construções de tijolo atarracadas, de onde sobressaía uma chaminé que mais parecia um *chifre* ameaçador, dava-lhe a impressão de um *animal voraz e feroz, agachado à espreita para devorar o mundo* [...] o escapamento da bomba, essa *respiração grossa e ampla, resfolegando* sem descanso, era *como* a respiração obstruída do *monstro* (GM, p. 4).

Após conversar com um dos mineiros, que lá trabalhava desde os oito anos de idade, e ficar sabendo que este perdera o pai, dois tios e três irmãos em desabamentos ocorridos na mina, Étienne dirige novamente seu olhar para o clarão dos fornos, e o narrador adota a sua perspectiva ao relatar que: “a Voreux, do fundo do seu buraco, com sua postura de *bicho maligno* parecendo cada vez mais retraído, respirava agora mais grossa e amplamente, *como que* sofrendo com sua dolorosa *digestão de carne humana*” (GM, p. 10)<sup>6</sup>.

É também recorrendo à prosopopeia zoomórfica e à zoomorfização que será narrada a descida de homens, mulheres e crianças à mina. Étienne, que tivera a sorte de conseguir uma colocação, os acompanha:

Só uma coisa ele compreendia perfeitamente: que o poço engolia magotes de vinte e de trinta homens, e com tal facilidade que nem parecia senti-los passar pela goela.

<sup>4</sup> Enquanto figura retórica, a *zoomorfização* ou animalização é empregada para aproximar o comportamento humano do comportamento animal e foi muito explorada pelo naturalismo, sob a influência das concepções darwinianas.

<sup>5</sup> Será utilizada a sigla *GM* para indicar a obra. Todas as citações foram retiradas da edição que consta nas Referências, e todos os grifos meus.

<sup>6</sup> Observe-se o uso que é feito, nos dois trechos citados, da comparação, outra figura de linguagem, construída mediante o uso da conjunção *como*, que vem reforçar as impressões que Étienne tivera diante daquela “aparição fantástica”.

[...] Os elevadores subiam e desciam com seu deslizar de *animal noturno*, tragando homens que a *goela* do buraco parecia beber [...] O embarque continuava em cima e embaixo, um atropelo confuso de *gado* (GM,p. 20-25).

A associação de seres humanos com o *gado* já se fizera presente na descrição que o narrador oferecera da casa dos Maheu, família com que Étienne passa a morar:

O único quarto do primeiro andar estava imerso nas trevas, como se estas quisessem esmagar com seu peso o sono das pessoas que se pressentiam lá, amontoadas, boca aberta, mortas de cansaço. Apesar do frio mordente do exterior, o ar pesado desse quarto tinha um calor vivo, esse calor rançoso dos dormitórios, que, mesmo asseados, cheiram a *gado humano* (GM,p. 11).

A zoomorfização não se limita, entretanto, à associação com o *gado*. Diversifica-se na alusão a diferentes insetos empregada na descrição do grupo social,

A mina nunca parava, noite e dia havia *insetos humanos* cavando a rocha, seiscentos metros abaixo dos campos de beterraba (GM, p. 52),

Ao longo da estrada de Montsou, dessa rua larga de casas baixas pintadas de cores berrantes, descendo em ziguezague, havia uma multidão locomovendo-se ao sol, igual a *um carreiro de formigas* perdido na nudez da planície rasa (GM, p. 121);

na menção a animais para caracterizar as personagens,

Agora que o crédito acabara e nem sequer uma panela velha tinham para vender, podiam jogar-se a um canto e esperar pela morte, *como cães sarmentos* (GM, p. 199),

Rodeavam-no, farejando como *lobas* (GM, p. 289),

ou ao particularizar, em geral negativamente, suas habilidades, associando-os com cabra, rato, galinha, serpente e macaco:

recebeu um golpe em pleno peito, que teria rebentado o outro, se [Chaval] não se tivesse desviado com seu *saltitar de cabra* (GM, p. 317),

O menino fitava-o com aquela *cara de rato*, onde brilhavam dois olhos verdes e sobressaía *um enorme par de orelhas*, em toda a sua degenerescência de aborto humano (GM, p. 216),

Veio em seu auxílio uma mulher magra, cuja cólera gaguejante se assemelhava a um *cacarejar de galinha* (GM, p. 94),

Jeanlin passava facilmente com sua *agilidade de serpente* (GM, p. 214),

não o teria reconhecido, se o menino não tivesse erguido seu *focinho de macaco* (GM, p. 406).

Exemplar, nesse sentido, é o trecho em que o narrador relata o esforço de Catherine, a jovem por quem Étienne se apaixona e que também trabalha na mina, ao empurrar os vagonetes com o carvão extraído:

Não podendo mais, sentiu necessidade de tirar a camisa. Aquela roupa, cujas menores pregas pareciam entrar na carne, estava-se transformando numa tortura.

Resistiu e quis continuar empurrando, mas foi forçada a endireitar a espinha. Num repente, dizendo-se que voltaria a vestir-se no entroncamento, tirou tudo, a corda e a camisa, com tanta ânsia que teria arrancado a pele, se pudesse. E agora, nua, deplorável, *rebaixada ao trote de fêmea* ganhando a vida pela lama dos caminhos, esfalfava-se, com a *garupa* coberta de fuligem e barro até a *barriga, como uma égua de carroça*. De *quatro patas*, ela empurrava o vagonete (GM, p. 242).

Como se pode constatar, por vezes, a zoomorfização se constrói mediante processo mais sutil e elaborado, sendo impressa pela escolha de vocábulos comumente empregados para referir ações de animais, como o farejar,

Os velhos mineiros já andavam *farejando, como bons cães* a caça da bulha (GM, p. 114),

o trotar,

Numa dessas viagens ele seguiu-a, viu-a conduzindo como o dorso tenso e as mãos tão embaixo que mais parecia estar *trotando de quatro pés*, como um desses animais anões que trabalham nos circos (GM, p. 33),

o rastejar,

o calor sufocante do fosso, cento e vinte metros de descida perigosa, depois o penoso *rastejar* por um quarto de légua, entre os muros estreitos da galeria, antes de chegar à infame caverna (GM, p. 294);

mas se mostra ainda mais significativa quando, invadindo à esfera da linguagem, diz respeito à mudez,

Em pé, encostado nele, encontrava-se Achille, o filho mais velho de Philomène, já com seus três anos, olhando-o com o *jeito suplicante e mudo dos animais famintos* (GM, p. 81),

Os outros também estavam lá, suando no ar gelado, *mudos* como ele, engolindo o ódio. (GM, p. 45),

Um sorriso *mudo* passou pelo rosto lívido da mulher (GM, p. 73),

Ele levantou a cabeça, *sempre mudo* (GM, p. 91),

Tal excesso de miséria só servia para torná-los ainda mais obstinados, *mudos*, verdadeiros animais acuados, preferindo morrer no fundo da toca a sair (GM, p. 203);

ao gaguejar,

Quis protestar, mas só conseguiu pronunciar palavras sem nexos, amarrotou o boné entre os dedos e retirou-se *gaguejando* (GM, p. 143).

teve uma reação tão repentina que ficou sufocada pela cólera e só conseguiu *gaguejar* (p. 153).

Chaval, lívido de medo, *gaguejava*, procurava explicar-se (GM, p. 256);

ou à emissão de uivos,

Eram as mulheres que empurravam, *uivando*, excitando os homens (GM, p. 253),

Ela fustigava-o, aturdia-o, *uivava* por trás dele gritos de guerra, esmagando a criança contra o peito com os braços crispados (*GM*, p. 338);

de urros,

– Cadela! – *urrou* ele (*GM*, p. 182);

ou de grunhidos:

um *grunhido* veio do patamar; era a voz de Maheu: (*GM*, p. 11),

não havia mais que o arquejar dos peitos, o *grunhido* de mal-estar e de cansaço sob o peso do ar e da chuva proveniente das infiltrações (*GM*, p. 31),

Novos *grunhidos* de cólera foram abafados (*GM*, p. 45),

contentou-se em responder com um *grunhido* furioso (*GM*, p. 141),

Houve empurrões e *grunhidos* na multidão (*GM*, p. 252).

Mais instruído que os outros, Étienne “revoltava-se à ideia de ter de ser um animal a quem se cega e esmaga” (*GM*, p. 55), não podia compartilhar da “resignação de rebanho” dos demais, acreditava na “igualdade entre os homens, [n]a justiça que exigia que os bens da terra fossem repartidos entre todos” (*GM*, p. 129) e exortava-os à greve, defendendo que “o mineiro não era mais o ignorantão, a *besta esmagada nas entranhas da terra*. Um verdadeiro exército brotava das profundezas das galerias, *uma messe de cidadãos cuja semente germinava e faria estalar o chão num dia ensolarado*” (*GM*, p. 228).

A greve por fim eclode e, como os patrões não cedem, estende-se por mais tempo do que era possível suportar. Vitimados ainda mais pela fome, os mineiros e suas famílias iniciam uma marcha de destruição:

Realmente, a cólera, a fome, os dois meses de sofrimentos e aquela correria desenfreada pelas minas tinham *transformado em mandíbulas de animais ferozes as feições plácidas dos mineiros* de Montsou. Naquele momento o sol desaparecia; os últimos raios, de um púrpuro sombrio, pareciam ensanguentar a planície. E a estrada também pareceu lavada em sangue; as mulheres e os homens continuavam marchando, cobertos de sangue, como *carneiros em plena matança* (*GM*, p. 274-275).

Os atos de violência atingem seu clímax quando os mineiros se dirigem ao armazém de Maigrat, comerciante que só prorrogava as dívidas por eles contraídas se, em troca, lhe enviassem as esposas ou as filhas. Ao tentar fugir pelo telhado, ele escorrega e morre. Vendo o corpo inerte caído no meio da rua, as mulheres avançam e, “presas da embriaguez do sangue”, o despem:

a Queimada, com suas mãos secas de velha, abriu-lhe as coxas nuas e empunhou a virilidade morta. Segurou tudo e fez tal esforço para extirpar o membro que suas costas magras se distenderam e seus braços enormes estalaram. Mas a pele mole resistia, ela teve de atracar-se novamente e acabou arrancando o despojo, um pedaço de carne cabeluda e sangrenta que agitou no ar com uma gargalhada de triunfo [...]

Passavam umas às outras a carne pingando sangue, como um *animal tinioso* que cada uma tivera de suportar e acabavam de esmagar, que agora tinham ali, inerte, à sua mercê. Cuspiam em cima, *arreganhavam os dentes*, numa furiosa explosão de desprezo [...] A Queimada, então, espetou o naco de carne na ponta da sua vara, e, levantando-o bem alto, como um estandarte, empreendeu a marcha, seguida pela debandada *ululante* das mulheres. O sangue gotejava sobre elas, o despojo horripilante pendia como um pedaço de carne *no gancho de um açougue* (GM,p. 289-290).

A animalidade chega, assim, ao seu ápice. Uma leitura simplória do *Germinal* levaria a pensar que a luta pela igualdade social exigiria que aqueles que sempre foram tratados como animais assim se comportem para que, pelo uso da força e da violência, sejam respeitados e tenham sua dignidade recuperada. No entanto, não se pode desprezar o contexto em que a obra foi produzida nem desvinculá-la de seu caráter de denúncia social e da postura ideológica e estética de seu autor.

Enquanto representação da dura realidade vivida pelos operários das minas francesas do final do séc. XIX, o romance de E. Zola propicia a reflexão sobre a necessidade de mudanças sociais que garantissem aos trabalhadores uma vida mais digna e – publicado quase um século após a Revolução Francesa – parece alertar a classe privilegiada para o fato de que o proletariado começava a adquirir a consciência que conduz à luta por uma sociedade mais justa e igualitária, de que os operários não são animais, mas “Homens [que] surgiam; um exército negro, vingador, que germinava lentamente nos sulcos da terra, nascendo para as colheitas do século futuro, e cuja germinação não tardaria a fazer rebentar a terra” (GM,p. 409)<sup>7</sup>.

### 3. A Metamorfose: Desumanização e Conflito Existencial

Em *A metamorfose*<sup>8</sup>, a zoomorfização está a serviço da alegoria<sup>9</sup> – figura retórica que corresponde a uma metáfora ampliada ou continuada –, pois não se trata da mera transposição

---

<sup>7</sup> Vale lembrar, aqui, a crença ctônica de que o ser humano nasce da Mãe-Terra. Na mitologia grega, tal crença se liga a Cadmo, fundador de Tebas, que – tendo perdido a maior parte de seus homens em combate contra o Dragão que guardava uma fonte consagrada a Ares e que Cadmo, ao cabo, conseguiu liquidar – é orientado pelo Oráculo de Delfos a plantar os dentes do Dragão. É assim que surgem da terra os *Spartoi* (os Semeados), homens armados e ameaçadores que, a exceção de cinco deles, acabam por se exterminar reciprocamente. Para mais detalhes, sugiro ver o *Dicionário mítico-etimológico*, de Junito de Souza Brandão (1993).

<sup>8</sup> Será utilizada a sigla *MM* para indicar a obra. Todas as citações foram retiradas da edição que consta nas Referências, e todos os grifos são meus.

<sup>9</sup> Etimologicamente, o termo *alegoria* vem do grego *αλληγορία* e significa “dizer o outro”, “dizer alguma coisa diferente do sentido literal”. A alegoria não constitui um recurso apenas dos textos literários, sendo bastante explorada em discursos religiosos – como é o caso do *Sermão da sexagésima*, em que o Pe. Antonio Vieira (2008) se apropria da parábola do semeador – e em obras filosóficas, servindo como exemplo: a *alegoria da caverna*, que consta no Livro VI de *A república*, de Platão (1993); a *alegoria do motor imóvel*, empregada por Aristóteles (2006), no Livro XII de sua *Metafísica*; a *alegoria da pomba*, que se encontra na “Introdução” da

de traços ou características próprias dos animais para o homem. Na novela de Kafka, o protagonista transforma-se em inseto, e a transformação zoomórfica inscreve a obra numa longa tradição da Literatura Ocidental, cujas raízes remontam ao Livro X da *Odisseia*, de Homero (2007), com a feiticeira Circe utilizando uma porção para transformar os homens de Ulisses em porcos, e ao Livro III da obra latina *Metamorfoses* ou *O asno de ouro*, de Apuleio (1990), que narra as aventuras satíricas e picaresca do jovem Lucius, transformado em burro após fazer uso de um unguento mágico<sup>10</sup>.

Na obra de Kafka, porém, a metamorfose não se encontra atrela à magia e tampouco vem acompanhada de qualquer explicação racional: Gregor Samsa, um caixeiro-viajante que trabalhava para prover o sustento dos pais e da irmã, certo dia, ao acordar pela manhã após uma noite mal dormida, percebe que se havia transformado num monstruoso inseto:

Estava deitado sobre suas costas duras como couraça e, ao levantar um pouco a cabeça, viu seu ventre abaulado, marrom, dividido por nervuras arqueadas, no topo do qual a coberta, prestes a deslizar de vez, ainda mal se sustinha. Suas numerosas pernas, lastimavelmente finas em comparação com o volume do resto do corpo, tremulavam desamparadas diante dos seus olhos (*MM*, p. 7).

Tendo de se adaptar ao novo corpo e ao seu funcionamento, a deficitária articulação da fala será a primeira das dificuldades que ele irá enfrentar:

Gregor se assustou quando ouviu sua própria voz [...], era inconfundivelmente a voz antiga, mas nela se imiscuía, como se viesse de baixo, um pipilar irreprimível e doloroso, que só nos primeiros momentos mantinha literal a clareza das palavras, para destruí-las de tal forma quando acabavam de soar que a pessoa não sabia se havia escutado direito (*MM*, p. 11),

logo acrescida da dificuldade de locomoção: “Teria necessitado de braços e mãos para se erguer; ao invés disso, porém, só tinha as numerosas perninhas que faziam sem cessar os movimentos mais diversos e que, além disso, ele não podia dominar” (p. 12).

Paulatinamente, Gregor percebe que seus sentidos são afetados: seu paladar rejeita os alimentos que antes o deleitavam,

mergulhou a cabeça até a altura dos olhos dentro do leite. Mas retirou-a logo, decepcionado [...] *não gostou nada do leite, antes sua bebida predileta* [...] na realidade afastou-se *quase com repulsa* da tijela (*MM*, p. 34);

seu olfato se altera completamente,

---

*Crítica da razão pura*, de I. Kant (1983); e a *alegoria do cuidado*, que foi recolhida por Higinio em sua coletânea de fábulas e que M. Heidegger (1995) transcreve no § 42 de *Ser e tempo*. A este respeito, ver as obras *Seis estudos sobre «Ser e tempo»*, de E. Stein (1988, p. 98), e *Paidéia*, de W. Jaeger (1995, p. 883-888).

<sup>10</sup> Nos dois casos, a transformação em animal é revertida e as personagens retornam à forma humana; o que não ocorre na história de Kafka.



as comidas frescas não o agradavam, nem mesmo o seu *cheiro* ele conseguia suportar” (MM, p. 38);

e sua acuidade visual diminui,

*ele enxergava dia a dia com menos acuidade* as coisas mesmo pouco distantes; o hospital defronte, cuja visão frequente demais ele antes amaldiçoava, já não estava mais ao alcance da sua vista; se ele não soubesse exatamente que morava na calma embora inteiramente urbana rua Charlotte, poderia acreditar que da sua janela estava olhando para um deserto, no qual o céu cinzento e a terra cinzenta se uniam sem se distinguirem um do outro (MM, p. 44);

mas, em compensação, descobre a utilidade de suas antenas,

Tateando desajeitadamente com *as antenas que só agora aprendia a valorizar*, se deslocou até a porta para ver o que havia acontecido lá (MM, p. 33);

a rapidez com que seu corpo se recupera,

*seus ferimentos deviam estar completamente curados*: não sentia mais nenhum impedimento, admirou-se com isso e ficou pensando como, mais de um mês antes, tinha cortado um pouco o dedo com a faca e, como ainda anteontem, esse ferimento causava bastante dor (MM, p. 37);

o aumento da sua capacidade auditiva,

Gregor *escutava muita coisa* vinda dos quartos vizinhos, e onde quer que ouvisse vozes corria logo à respectiva porta e se espremia nela com o corpo todo. especialmente nos primeiros tempos não havia conversa que de algum modo não tratasse dele, *mesmo em segredo*. Durante dois dias, em todas as refeições, podiam se ouvir confabulações sobre como agora deviam se comportar, mas também entre as refeições se falava do mesmo tema (MM, p. 39-40);

e a satisfação de poder rastejar pelas paredes e pelo teto:

para se distrair, ele *adotou o hábito de ziguezaguear pelas paredes e pelo teto*. Gostava particularmente de ficar pendurado no teto; era muito diferente de permanecer deitado no chão; respirava-se com mais liberdade, uma ligeira vibração atravessava seu corpo; e, na distração *quase feliz* em que Gregor lá se encontrava, podia acontecer que, para sua própria surpresa, ele se soltasse e estatelasse no chão. naturalmente tinha agora sobre o corpo um poder muito diverso do que antes e mesmo com uma queda tão grande como essa não infligia danos a si mesmo (MM, p. 47-48).

Nada disso, entretanto, colabora para que ele seja reintegrado ao convívio familiar. Sua aparência repugnante, que a princípio amedrontara, passa a provocar aversão. Sua presença dentro da casa suportada – “a despeito de sua atual figura triste e repulsiva, era um membro da família que não podia ser tratado como inimigo, mas diante do qual o mandamento do dever familiar impunha engolir a repugnância e suportar, suportar e nada mais” (MM, p. 59) –, e nenhum de seus familiares é capaz de reconhecer nele qualquer

resquício de humanidade, pois sua impossibilidade de se comunicar fizera-lhes crer que ele havia perdido a capacidade de compreensão.

Na maior parte do tempo, Gregor sobrevive isolado em seu quarto – que dia a dia se torna mais insalubre por falta de limpeza –, de lá ouve as queixas sobre as dificuldades financeiras que seus familiares iriam enfrentar por ele ter se tornado improdutivo: “Quando a conversa chegava a essa necessidade de ganhar dinheiro, Gregor se soltava da porta e se atirava sobre o frio sofá de couro que se encontrava ao lado, pois ficava *ardendo de vergonha e tristeza*” (MM, p. 44).

Maior o abatimento e o sentimento de desvalia quando ele assiste, de longe, às mudanças operadas em seu pai,

era aquele ainda o seu pai? *O mesmo homem que costumava ficar enterrado na cama, exausto*, quando Gregor partia para uma viagem de negócios; que nas noites de regresso o recebia de roupão na cadeira de braços; *que era absolutamente incapaz de se levantar* [...] Agora porém ele estava *muito ereto*, vestido com um uniforme azul justo, de botões dourados, como usam os contínuos de instituições bancárias; sobre o colarinho alto e duro do casaco se desdobrava *o forte queixo duplo*; sob as sobrelhas cerradas *os olhos escuros emitiam olhares vívidos e atentos*; o cabelo branco, *outrora desgrenhado*, estava *penteado com uma risca escrupulosamente exata e luzidia*” (MM, p. 56).

E, se após sua insólita transformação, Gregor não deixa de se preocupar com “a velha mãe, que *sofria de asma*, a quem uma caminhada pelo apartamento já era um esforço, e que, dia sim dia não, passava o dia no sofá, junto à janela aberta, com *dificuldades de respiração*” (MM, p. 43-44) e com “a irmã, que com dezessete anos era ainda uma *criança* e cujo estilo de vida até agora dava gosto de ver, consistindo em *vestir roupas bonitas, dormir bastante, ajudar na casa, participar de algumas diversões modestas e acima de tudo tocar violino*” (MM, p. 44), não tardou muito para que ele percebesse os efeitos positivos de sua metamorfose em cada uma delas: “a mãe, muito curvada sob a luz, *costurava finas roupas de baixo para uma loja de modas*; a irmã, que *tinha aceito um emprego como vendedora*, à noite *estudava estenografia e francês* para conseguir talvez mais tarde um posto melhor” (MM, p. 60).

A existência de Gregor é considerada um fardo pela família, que se sente cada vez mais aviltada com sua presença. Desumanizado, ele torna-se uma *coisa* da qual é preciso se livrar: “- Não quero pronunciar o nome do meu irmão diante desse monstro e por isso digo apenas o seguinte: precisamos tentar nos livrar dele. [...] Precisamos tentar nos livrar *disso*” (MM, p. 74-75).

Consciente do sentimento que seus familiares lhe dirigiam, Gregor se entrega à morte, sem perder o afeto:

Recordava-se da família com emoção e amor. Sua opinião de que precisava desaparecer era, se possível, ainda mais decidida que a da irmã. Permaneceu nesse estado de meditação vazia e pacífica até que o relógio da torre bateu a terceira hora da manhã. Ele ainda vivenciou o início do clarear geral do dia lá do lado de fora da janela. Depois, sem intervenção da sua vontade, a cabeça afundou completamente e das ventas fluíu fraco o último fôlego (*MM*, p. 78).

É, possivelmente, a consciência e a afetividade do protagonista que se mantêm intactas o que mais nos comove. É com elas que a nossa humanidade dialoga, e são elas que possibilitam nos identificarmos com Gregor Samsa.

#### 4. A Literatura e Seu Compromisso com a Degradação da Dignidade Humana

Quando se destaca a capacidade da literatura de ampliar o horizonte de sentido<sup>11</sup>, busca-se ressaltar não só que a representação oferecida por um texto literário nos provoca mais impacto do que a realidade, mas que nos obriga a nos posicionarmos diante das situações que nele nos são oferecidas e, em última instância, nos leva a refletir sobre a realidade que vivemos e a problematizá-la.

Reflexão necessária sobretudo no âmbito do direito, uma vez que, como já afirmava Luis Alberto Warat, é preciso estarmos alertas para o processo de mecanização do pensar e do agir, bem como para o processo de naturalização das verdades instituídas:

Os juristas de ofício se encontram condicionados em suas práticas cotidianas por um conjunto de representações, imagens, montagens habituais de noções, pré-conceitos valorativos e teóricos e metáforas, que governam seus atos, decisões e atividades. Denominarei este batalhão “sentido comum teórico dos juristas”, recordando que tal conjunto funciona como um arsenal de ideologias para a prática cotidiana do direito. Em outras palavras, se trata de um complexo de saberes éticos vividos como diretivas, pautas que disciplinam o trabalho profissional dos juristas regulando suas atividades advocatícia, judicial e teórica (1981. p. 43).

A literatura é uma das vias possíveis para se promover a ruptura com o condicionamento das práticas cotidianas do universo jurídico, ao exigir que o leitor pense além do já estabelecido – além daquilo que a *retórica perversa* chama de valor universal –, produzindo algo de novo quando nos colocamos diante de termos como Direitos Humanos, cidadania, Democracia, Estado de Direito, pois é preciso

Reinventar, refundar, [o que] quer também dizer poder ver-se a si mesmo desde o outro e para o outro, repensar tudo o que nos foi obrigado a pensar desde as escolas, academias, instituições, desde os lugares dos especialistas, desde os lugares onde se pronuncia a digna voz da majestade, a digna voz das consciências acomodadas, aquelas que se acreditam estar na posse de um lugar de normalidade. Repensar tudo o que nos coloca em situações de discriminação, opressão, exclusão, seja no lugar

<sup>11</sup> O conceito de horizonte, de Edmund Husserl ([s. d.]), associa-se ao papel da cultura na construção de sentido, e foi retomado e desenvolvido por Hans-Georg Gadamer (2003).

do opressor ou do oprimido, do discriminado ou do discriminador. Reinventar as visões de mundo junto aos que não formam parte de todas essas certezas recém enumeradas [Direitos Humanos, cidadania, Democracia, Estado de Direito]. Um repensar de coração aberto e atento a tudo o que pode dar-se numa relação com o outro, desarmado de certezas ideológicas, com o coração aberto a tudo o que os vínculos com o outro pode brindar, procurando as palavras, os relatos, as ilusões que nos ajudem a olharmos a nós mesmos (2014, p. 8).

É nisso que a literatura pode nos auxiliar, é nisso que reside parte de seu valor, na sua capacidade paradoxal de, através da ficção, nos sensibilizar e nos fazer ver com mais clareza e profundidade o mundo e nós mesmos.

Paradoxal também porque – diferentemente dos textos jurídicos, que se ocupam da dignidade humana e se concentram na esfera do dever-ser –, os dois textos literários analisados, operam no sentido contrário, buscam expor não a dignidade humana, mas a sua degradação e, assim, sutilmente fazem com que nos confrontemos com o que não-deve-ser.

Isso ocorre porque, de fato, como aponta Virginia Zambrano, “a literatura não fornece nem preceitos de conduta para a vida, que transcorre além e aquém do bem e do mal, nem tem a ambição de julgar, muito menos segundo as formalidades do direito” (2015, p. 249), sendo justamente devido ao seu caráter não-prescritivo que a literatura nos convoca, compulsoriamente, a ocupar a posição de sujeito falante e de sermos autores de nossos próprios discursos.

Nesse sentido, convém destacar que, se a zoomorfização mostra-se uma figura privilegiada para tematizar a perda da dignidade humana, a dificuldade ou a impossibilidade de fazer uso da linguagem é o componente essencial que sobressai em ambas as obras. O que se mostra particularmente interessante na medida em que se entende que “a linguagem é a morada do ser” (HEIDEGGER, 1995, p. 55), pois, segundo M. Heidegger, é através da linguagem que o ser se manifesta como sentido e, como a essência do homem repousa na linguagem, “O ser humano não seria humano se lhe fosse recusado falar incessantemente e por toda parte, variadamente e a cada vez” (2003, p. 191).

Há, entretanto, diferenças fundamentais no que se refere ao processo composicional e aos efeitos de sentido da zoomorfização nos dois textos, diferenças que dizem respeito tanto à sua configuração e abrangência quanto à progressão ou não de seu emprego.

No *Germinal*, os mineiros se veem e sentem animalizados – como se comprova nas próprias falas com que as personagens se dirigem umas às outras e com que se autodefinem –, animalizados coletivamente, pois desde sempre, por gerações, estiveram vulneráveis à opressão; mas pouco a pouco adquirem consciência de que esta situação se deve ao estado de miséria que lhes é imposto e buscam, de todas as formas, revertê-la.

A dificuldade de comunicação – que se manifesta nos diversos trechos em que o narrador alude à mudez, ao gaguejo e à emissão de urros, uivos e grunhidos – vai sendo superada a partir do momento em que eles adquirem voz, quando se unem na luta contra a opressão de que são vítimas, escolhem os delegados que irão apresentar os termos de negociação aos patrões, gritam por pão e cantam o hino francês, expressão do seu direito à cidadania e à dignidade a ela correspondente.

Assim, a zoomorfização não se faz mais presente no final da obra: a imagem de homens nascendo da terra, a que o narrador e Étienne recorrem, assemelha-se à da passagem bíblica que relata a criação do homem: “E o Senhor Deus modelou o homem com o barro da terra e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem tornou-se um ser vivo” (Gn, II, 7).

Já em *A metamorfose*, o contexto é bastante diverso: o insólito irrompe na vida cotidiana quando Gregor Samsa *acorda* e, subitamente, *percebe* que havia se transformado em inseto – o ato de acordar, associado à percepção, reveste-se, assim, do sentido de tomar consciência de sua real situação –, e o relato oferecido ao leitor ao longo da obra concentra-se muito mais nos efeitos do que na origem de tal transformação.

Fica-se sabendo, entretanto, que a dedicação exclusiva à família e ao trabalho, a disciplina rígida e a obediência servil, a submissão às instâncias de poder são, paradoxalmente, o que fazem dele um filho, irmão e funcionário exemplar e o tornam um sujeito alijado de qualquer prazer ou satisfação de viver, alguém que se mostra absurdamente incapaz de insurgir-se e que, quando tenta se comunicar e argumentar, pedindo desculpas e se justificando, tudo o que se ouve é “uma voz de animal”.

De fato, Gregor leva a existência de um autômato domesticado pela vida burocrática, de mera engrenagem que – seja no universo familiar, seja no profissional – está a serviço da cadeia produtiva, é o homem que, marcado pela abdicação do desejo e pela alienação da vontade, assume a condição de não-sujeito.

Sua morte adquire, assim, a dimensão de renúncia à vida e ao resto de humanidade que nele ainda habitava, e, ao ser narrada, vamos encontrar quase que os mesmos termos do relato da criação do homem: “Depois, sem intervenção da sua vontade, a cabeça afundou completamente e das ventas fluíu fraco o último fôlego” (*MM*, p. 78).

## 5. Considerações Finais

A degradação da dignidade humana constitui um tema recorrente de obras literárias e tem sido explorado também na literatura brasileira, recorrendo, via de regra, à zoomorfização e à dificuldade ou impossibilidade de fazer uso da linguagem. Entre as narrativas produzidas no Brasil, podemos citar *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo (1968), romance que – como o de E. Zola – se vincula no naturalismo, e *Vidas secas*, de Graciliano Ramos (1981), que compõe o rol das produções modernistas denominadas Romance de 30.

Em *O cortiço*, iremos encontrar inúmeras alusões a insetos e a animais na descrição do grupo social que habita o conglomerado que dá título à obra. Já em *Vidas secas*, é paradigmático o contraste entre a antropomorfização da cachorra baleia e a dificuldade que Fabiano apresenta para se comunicar.

Essas duas obras evidenciam problemas sociais do contexto brasileiro que ainda não foram superados e, quando nos levam a pensar sobre a linguagem como instrumento de poder e sobre a *vida nua* – conceituada pelo filósofo italiano Giorgio Agamben (1996) –, elas nos conduzem, inevitavelmente, a refletir sobre realidade brasileira atual e sobre a concretização do princípio da dignidade da pessoa humana – tarefa que se impõe a um Estado Democrático –, problematizando o papel do direito e sua (in)eficácia, enquanto ordenamento jurídico e instrumento de justiça social, e questionando em que medida o direito, ao invés de salvaguardar os direitos fundamentais, não produz um discurso que funda e que legitima uma ordem social de exclusão.

## 6. Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: il potere sovrano e la vita nuda**. Torino: Einaudi, 1996.
- APULEIO, Lúcio. **O asno de ouro**. Tradução de Francisco Antônio de Campos. Lisboa: Europa América, 1990.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2006.
- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. São Paulo: Martins Fontes, 1968.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico-etimológico**. Petrópolis: Vozes, 1993. 2 v.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdad y método I**. 10. ed. Salamanca: Sígueme, 2003.
- HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Carta sobre o humanismo**. São Paulo: Moraes, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Ser y tempo**. Tradução de Jorge Eduardo Rivera. Madri: Trotta, 1995.
- HOMERO. **Odisseia**. Tradução de Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2007. 3v.

HUSSERL, Edmund. **Meditações cartesianas**: introdução à fenomenologia. Tradução de Maria Gorete Lopes e Sousa. Porto: Rés, [s. d.].

JAEGER, Werner. **Paidéia**: a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Comp. das Letras, 2000.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução de Valério Rohden e Udo Balhur Moosburger. São Paulo: Abril, 1983.

PLATÃO. **A república**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 7. ed. Lisboa: Fund. C. Gulbenkian, 1993.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: Record, 1981.

STEIN, E. **Seis estudos sobre “Ser e tempo”**: Martin Heidegger. Petropolis: Vozes, 1988.

VIEIRA, Antonio. **Sermões I**. São Paulo: Loyola, 2008.

WARAT, Luis Alberto. **Educação, direitos humanos, cidadania e exclusão social**: fundamentos preliminares para uma tentativa de refundação. Disponível em: <[http://www.dhnet.org.br/educar/textos/warat\\_edh\\_educacao\\_direitos\\_humanos.pdf](http://www.dhnet.org.br/educar/textos/warat_edh_educacao_direitos_humanos.pdf)>. Acesso em: 10 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. El sentido comum teórico. **Revista contra dogmáticas** - Revista Intercontinental para uma Teoria Crítica do Direito, Buenos Aires, ALMED, n. 1, p. 43-71, mar.-jul. 1981.

ZAMBRANO, Virginia. Uma investigação na retórica: da vulnerabilidade social de Zola à desumanização de Kafka. *Anamorphosis* – **Revista Internacional de Direito e Literatura**, v. 1, n. 2, p. 247-265, jul.-dez. 2015. Disponível em: <<http://rdl.org.br/seer/index.php/anamps/article/view/77/147>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

ZOLA, Émile. **Germinal**. Tradução de Mauro Pinheiro. São Paulo: Comp. das Letras, 2009.